



SILVA FILHO, Isaac Freitas da*

<https://orcid.org/0009-0002-2732-0429>

VERAS, Elias Ferreira**

<https://orcid.org/0009-0003-8284-0870>

TEDESCO, Caio de Souza***

RESUMO: Este artigo problematiza a trajetória de Rumaico-Mara Grinberg, homem trans, judeu e natural da Bessarábia, que migrou para o Brasil durante a década de 1930 e se tornou jogador de futebol de times do Nordeste brasileiro, incluindo o Centro Sportivo Alagoano (CSA). Por meio de uma perspectiva interseccional, buscamos entender como as violências de raça e gênero atravessaram seu corpo e memória, no contexto da chamada “Era Vargas”. Em um cenário permeado por discursos antissemitas e pela invisibilização sistemática de identidades dissidentes de gênero e sexualidade, observamos que a imprensa brasileira atuou na produção de estigmas contra o jogador.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Nordeste; LGBTQIAPN+.

ABSTRACT: This article investigates the trajectory of Rumaico-Mara Grinberg, a Jewish trans man from Bessarabia, who migrated to Brazil during the 1930s and became a soccer player for teams in Northeastern Brazil, including Centro Sportivo Alagoano. Through an intersectional perspective, we seek to understand how forms of violence related to race and gender marked his body and memory during the so-called “Vargas Era”. In a scenario permeated by antisemitic discourses and the systematic invisibilization of dissident gender and sexuality identities, we observe that the Brazilian press played a role in producing stigmas.

KEYWORDS: History of education; Afro-Brazilian literature; Memoir

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFAL). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS-UFAL).

**Professor dos cursos de História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade (GEPHGS-UFAL).

***Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFRGS). Integrante do CLOSE: Centro de Referência da História LGBTQIAP+ do Rio Grande do Sul.



PARTIDA INICIAL: UMA HISTÓRIA ENTRE CAMPOS E ARQUIVOS

Em 2025, o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades de Alagoas (Ibrat-AL), buscou articular com a Federação Alagoana de Futebol, a campanha *Uma Partida de Transformação*, que planejava levar pessoas trans ao centro do campo de futebol, portando cartazes com mensagens de respeito e inclusão, enquanto, durante o jogo, esperava-se que os capitães das equipes portassem braçadeiras com as cores da bandeira trans.

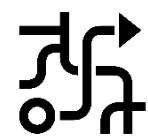
A iniciativa da comunidade trans e sua divulgação na imprensa alagoana despertou a inquietação inicial que impulsionou a elaboração deste texto. A matéria intitulada “Campanha ‘Uma Partida de Transformação’ reforça visibilidade trans no esporte”, assinada por Cecília Calado e publicada no portal da Universidade Federal de Alagoas, trouxe a seguinte provocação:

O esporte é uma poderosa ferramenta de transformação social. Mas imagine não conseguir se inserir nesse meio, nem mesmo como torcedor, simplesmente por causa da sua identidade de gênero? Pois é, essa é a realidade das pessoas trans em Alagoas.

A campanha nos fez lembrar de um achado de pesquisa. Em uma de suas tardes de estudo e investigação na Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos, localizada em Maceió (AL), Isaac Freitas, à época, bolsista de iniciação científica, se deparou com a notícia “Jogador do CSA que já foi mulher”¹. A matéria, publicada no *Jornal de Alagoas*, se referia ao Rumaico-Mara Grinberg – um judeu bessarabiano, jogador de futebol do Centro Sportivo Alagoano (CSA) na década de 1930, que foi retratado pela imprensa como “ex-mulher” que “virou homem” após uma “controversa operação”.

O nome Mara predominou na maioria dos discursos da imprensa sobre a sua trajetória. Tal enquadramento (BUTLER, 2015) evidencia aquilo que Bruno Latini Pfeil e Cello Latini Pfeil (2022; 2024) conceituaram como a “ofensa da nomeação”, ou seja, o uso da nomeação como método de (re)engendrar lugares sociais, comum ao *pacto*

¹ “Jogador do CSA que já foi mulher”, *Jornal de Alagoas*, 17 de janeiro de 1971, ed. 299, p. 3 (caderno 2).



narcísico da cisgeneridade e às táticas *ciscoloniais* de manutenção de poder (SIMAKAWA, 2015).

Entretanto, a palavra “rumaico”, nome como o jogador era conhecido entre seus companheiros de campo, que significa “de origem romênia”, também foi empregada para nomeá-lo. Chamá-lo ‘Rumaico’ seria uma ofensa de nomeação, no sentido de enquadrá-lo como estrangeiro, de marcar sua origem étnica e territorial, ou gesto de camaradagem entre homens, comum entre os jogadores de futebol? Por falta de indícios sobre sua preferência, também, considerando que seu nome de registro — Mara — pode ter sido ressignificado e usado por ele como um nome masculino (e por que não, não é mesmo?), decidimos reconhecer seus dois nomes, sempre mantendo pronomes masculinos. É importante ressaltar que nosso intento é articular senso ético e político, ao respeitar sua identidade de gênero masculina e reconhecer as possibilidades múltiplas de ser e vivenciar as transgressões de gênero.

A aparição de Rumaico-Mara na imprensa nos permite refletir sobre as violências movidas contra pessoas que transgrediram a endocisheteronormatividade² no início do século XX. No seu caso, é possível que haja uma intersecção entre intersexofobia, transfobia e o antissemitismo — este último, provocado pela migração de judeus ao Brasil naquele período.

Chamamos atenção para a intersexofobia atrelada à transfobia por conta da “controversa operação” mencionada anteriormente. Pois, naquele período, a probabilidade maior é que Rumaico-Mara tenha acessado tecnologias de afirmação de gênero biomédicas se tiver sido “diagnosticado” com um corpo que não se conforma ao binarismo endocissexual. Pois, o período que corresponde ao final do século XIX até meados do século XX foi repleto de desenvolvimentos na área da sexologia que viabilizaram a produção e uso de hormônios sintéticos, bem como cirurgias voltadas para afirmação de gênero (PRECIADO, 2018). Contudo, esses procedimentos eram acessados por aquelas pessoas que, no olhar biomédico

² “Endo”, neste conceito, marca a normatividade endossexo perante à patologização das pessoas intersexo (Vieira, 2021; Rodriguez; Medeiros, 2024).

regulador, não se encaixavam no padrão endonormativo — ou seja, eram pessoas intersexo.³

Durante muito tempo o corpo, na historiografia, ora foi desprezado, vítima de um pensamento dualista que o subordina à mente, atribuindo-lhe uma condição de degradação e desonra (PORTER, 1992), ora normatizado e normalizado para que não fosse passível de discussão. Se o corpo era considerado “degenerado” e invisibilizado e/ou ainda naturalizado, o que dizer das corporalidades que desafiam as normas de gênero? Não é de se admirar que Judith Butler tenha dito que o gênero, a raça e a etnia – assim como a classe – atuam como categorias que tornam certos corpos “inelegíveis ao reconhecimento público” (2018, p. 66), relegando-os a uma posição de “não-humanos”.

Embora os “silêncios de Clio” (VERAS; PEDRO, 2014) estejam sendo rompidos dentro da historiografia brasileira, Caio de Souza Tedesco afirma que “o *silêncio político* [...] acerca das pessoas trans, principalmente em relação a homens trans e transmasculines, se mantém” (2024, p. 107). Segundo o historiador (2024), a comunidade transmasculina sofre da falta de passado, de história e de memória como resultado de uma invisibilidade que ainda persiste nas pesquisas históricas no Brasil. Essa comunidade sofre da falta de um passado narrado produzido, sobretudo, por uma naturalização da endocisheterohistória como a única digna de ser narrada, contada e pesquisada. Dessa maneira, Tedesco defende que, mais do que nunca, é necessário construir uma história anticisheteronormativa, reiterando o nosso dever em historicizar gênero, sexo e sexualidade e, assim, “combater a LGBTfobia, o machismo e, sob um viés interseccional, corroborar com o combate ao racismo” (TEDESCO, 2024, p. 104).

Destacamos que, embora os conceitos de “transmasculinidade” e “homem trans” não existissem no Brasil dos anos 1930, utilizamo-lo aqui como uma escolha política e metodológica. Pois, apesar do “prefixo trans” não fazer parte do léxico

³ No Brasil, temos bem documentado o caso de Mário da Silva, homem trans intersexo e catarinense que foi “corrigido” pela medicina em 1959 (AGUIAR, 2020). Para o contexto mineiro, ver os trabalhos do pesquisador Luiz Morando (2012, . Aproveitamos para agradecer ao Luiz pela leitura e sugestões a este texto.

brasileiro daquele período, isso não significa que não houve, em passados até mais longínquos, homens (endo ou intersexo) que nasceram com um sistema vulvariano e transgrediram a endocisheteronorma, a exemplo de Charles Hamilton (Inglaterra, séc. XVIII) e Joseph Lobdell (Estados Unidos, séc. XIX) (TEDESCO, 2022). Desse modo, entendemos que a experiência de Rumaico-Mara é partilhada por aqueles que se identificam hoje como pessoas transmasculinas⁴, experiência histórica esta que transgride o Cistema de sexo-gênero-desejo e promove fissuras e travessias nas estruturas endocisheteronormativas (NASCIMENTO, 2021).

Ao chegar ao Brasil na década de 1930, Rumaico-Mara Grinberg encontrou um cenário de crescente profissionalização do futebol, aliado a um esforço, promovido pelo governo Vargas, de construção de uma “ideia de nação a partir do futebol” (NEGREIROS, 2003, p. 127), mas que não contemplava sujeitos dissidentes⁵ e judeus (ANDRADE, 2009, p. 7). O jogador caminhou entre a aclamação e a retaliação, entre a memória e o esquecimento, sendo visto ora como um admirável atleta, ora como um sujeito cujo corpo era inelegível ao que Butler (2010) chamou de “reconhecimento público”. Esse cenário de inclusão/exclusão trans-intersexofóbico, porém, não se restringiu ao Brasil, visto que, na Bessarábia, terra natal do jogador, o futebol também foi instrumentalizado, após a incorporação da região ao Reino da Romênia, como ferramenta de promoção do nacionalismo e de consolidação do Estado-nação romeno (FAJE, 2015), em um período marcado pelo antissemitismo (HOBSBAWM, 1995)⁶.

⁴ Este é um conceito guarda-chuva que abrange pessoas que foram designadas mulheres ao nascer e se identificam, em termos de gênero, no espectro das masculinidades, seja como homens, seja como transmasculinos(es) não-binários(es) (TEDESCO, 2024).

⁵ Emanuelle Lins de Andrade (2009) se refere aos sujeitos dissidentes da endocisheteronorma a partir do termo guarda-chuva “homossexuais”. Contudo, sabe-se atualmente que “homossexualidades”, como uma categoria analítica, não atende à diversidade de experiências sexuais e de gênero dissidentes e obscurece outras identidades.

⁶ Durante o período entre guerras, o futebol na Romênia assumiu, como bem observa Florin Faje (2015), um papel central na promoção do nacionalismo e na consolidação do Estado-nação romeno. O esporte foi instrumentalizado pelo governo como meio de reforçar a unificação territorial, especialmente após a criação da “Grande Romênia” em 1918, quando regiões como a Bessarábia foram incorporadas ao reino. Porém, ambos os clubes nos quais Grinberg jogou, nos anos de 1930, eram instituições esportivas judaicas fundadas na Europa entre o final do século XIX e início do século XX, em resposta ao antissemitismo.



Diante disso, este artigo tem como objetivo investigar de que maneira o jogador bessarabiano chegou ao Brasil – em especial, a Maceió, capital de Alagoas – e como veio a ser enquadrado pela imprensa brasileira como “forasteiro errante”⁷ e “ex-mulher”⁸. Para tanto, serão consideradas as tensões políticas vivenciadas no contexto do governo Vargas no Brasil – permeado por manifestações de antissemitismo e pela invisibilidade dos corpos gênero-dissidentes⁹.

Quem foi Rumaico-Mara Grinberg? Como se deu sua inserção no futebol brasileiro? Quais circunstâncias o levaram a deixar a Bessarábia nos anos 1930 e buscar refúgio no Brasil? Que rastros – ou “retalhos” (FUX, 2023) – o tempo deixou nos escombros obscuros e esquecidos da memória, à espera de serem costurados pelos fios da História?

EM CAMPO I: DRIBLANDO A ENDOCISHETERONORMATIVIDADE

No dia 17 de janeiro de 1971, durante a ditadura civil-militar, os/as leitores/as do *Jornal de Alagoas* foram surpreendidos por uma notícia que suscitou uma profusão de rumores e “burburinhos” em Maceió, principalmente entre os amantes do futebol. A notícia intitulada “Jogador do CSA que já foi mulher”, pôs o jogador bessarabiano novamente sob os holofotes da imprensa, após quase três décadas de silêncio. O motivo: a exposição pública de sua identidade de gênero, como lê-se abaixo:

JOGADOR DO CSA QUE JÁ FOI MULHER

Essa aconteceu aqui mesmo. No final da década de trinta, jogou no ataque no CSA um jogador de nome MARA. Um excelente atleta. Mas, destacava-

⁷ “Mára Grinberg, o ‘forasteiro errante’ no futebol nortista”, *Esporte Ilustrado*, 25 de março de 1943, n.259, 1943, p. 18.

⁸ “Jogador do CSA que já foi mulher”, *Jornal de Alagoas*, 17 de janeiro de 1971, ed. 299, p. 3 (caderno 2).

⁹ Grinberg já enfrentava perseguições antisemitas desde a Bessarábia. Conforme Eric Hobsbawm (1995), o antissemitismo na Europa Oriental foi amplamente alimentado por ideias populares que desumanizavam e demonizavam os judeus, criando um cenário propício à eclosão de pogroms. Na cidade natal de Rumaico-Mara Grinberg, Chisinau, em 1903, houve morte de cerca de cinquenta pessoas em uma só revolta (HOBBSAWM, 1995). Ainda que o Império Russo tenha entrado em declínio em 1917 e a Bessarábia tenha sido incorporada ao território romeno posteriormente, entre 1918 e 1940, a situação dos judeus pouco melhorou, resultando em um grande número de judeus migrando para outros países, como foi o caso de Rumaico-Mara.

NO JOGO DA TRANSGRESSÃO: DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO, FUTEBOL
ALAGOANO E A MEMÓRIA DE RUMAICO-MARA

se pelas maneiras esquisitas como vivia. Estava sempre sozinho, evitando farras e não tomava banho com os companheiros. Um dia, Mara seguiu para Salvador, onde ingressou num dos clubes locais. Mas, aquelas atitudes esquisitas do atacante tinham uma razão de ser. Através de um jornal de Minas Gerais tudo foi descoberto. Eis o que dizia a nota do jornal mineiro.

JOGADOR EX-MULHER VAI PARA O NORTE

Há tempos os jornais trataram de um assunto com destaque. Uma moça, [...] após uma operação, passou a ser do sexo forte, isto é, virou homem e passou a jogar futebol. Agora, a CBD concede a transferência ao jogador, ex-mulher, para o CSA de Maceió¹⁰.

Rumaico-Mara passou a ser conhecido como o “jogador ex-mulher” do Centro Sportivo Alagoano (CSA). Mas por que sua história voltou a ser assunto das páginas do *Jornal de Alagoas* somente em 1971, uma vez que sua atuação nos campos brasileiros tinha se dado entre os anos de 1930 e 1940?

Antes de responder a estas perguntas, é importante entender que, embora a notícia sobre a exposição pública da identidade de Grinberg tenha voltado a circular na imprensa alagoana em janeiro de 1971, ela já corria pelas páginas de outros jornais brasileiros desde o fim dos anos de 1930, mais especificamente desde 1939. Não por acaso, a última parte da notícia veiculada pelo *Jornal de Alagoas* reproduziu uma nota publicada originalmente por um jornal mineiro do fim da década de 1930¹¹.

Assim, é de se concluir que, se foi através de um jornal de Minas Gerais que “tudo foi descoberto” segundo o *Jornal de Alagoas*, e se há registros de que os jornais *A Tribuna* e o *Correio Paulistano* também publicaram essa mesma nota, é possível que a publicação original tenha se dado alguns dias antes, por volta de 20 de setembro de 1939, e somente depois essa mesma nota veio a aparecer em outros jornais, ainda naquela mesma semana. Seja como for, o fato é que, em setembro de 1939, espalhou-se a notícia de que Rumaico-Mara Grinberg era não apenas um judeu estrangeiro da Bessarábia, mas também, nas palavras dos jornais, um “ex-mulher” e, por isso, foi dispensado por um dos times locais da Bahia.

¹⁰ “Jogador do CSA que já foi mulher”, *Jornal de Alagoas*, 17 de janeiro de 1971, ed. 299, p. 3 (caderno 2).

¹¹ Ibidem. Infelizmente, não fomos capazes de localizar, até o momento, o jornal mineiro citado como fonte original pelo *Jornal de Alagoas*. Contudo, dois jornais de São Paulo – *A Tribuna* (em 22 de setembro de 1939) e o *Correio Paulistano* (em 23 de setembro de 1939) – reproduziram, em suas próprias páginas, a mesma nota mencionada pelo *Jornal de Alagoas*.

Não durou muito para que, nos anos seguintes, uma outra narrativa passasse a compor a “história oficial” sobre sua saída do Bahia. Em 25 de março de 1943, a revista *Esporte Ilustrado* publicou uma matéria que justificava sua saída do time baiano da seguinte forma: “Dessa vez, Rumaico não foi tão feliz como das anteriores. Fracassou num jogo e o Bahia dispensou-o”¹². A partir daquele momento, a narrativa que se oficializou foi a de que Grinberg, ao chegar à Bahia em 1937, “participou apenas de uma partida amistosa contra o Ypiranga-BA, e por não ter se saído bem nesta partida, acabou sendo dispensado pela diretoria do clube” (FALCÃO, 2013). Após isso, aparentemente, não se falou mais dele na imprensa, pelo menos, não até janeiro de 1971.

É de se estranhar que um jogador, a princípio, tão aclamado por suas “espetaculares cabeçadas e chutes violentos ao gol” (FALCÃO, 2013) e conhecido por colecionar “gols por diversos clubes das mais variadas cidades do Brasil” (TENÓRIO, 2018) tivesse sido tão facilmente dispensado após um único jogo ruim, como a narrativa oficial faz parecer. Sua trajetória, nos anos 1930, chegou a ser tema de uma matéria, que traz uma fotografia sua (Imagem 1), escrita por José da Silva Lima para a revista *Esporte Ilustrado*.

Intitulada “Mára Grinberg, o ‘forasteiro errante’ no futebol nortista” e publicada em 25 de março de 1943, a matéria dizia:

Foi numa tarde ensolarada de Outubro (1937), em São Felix, interior da Bahia, que vimos Mára jogar pela primeira vez. O rumaico atuava ao lado de Gildo e Didí, os endiabrados atacantes do Ipiranga, esse mesmo Ipiranga que há pouco nos visitou.

Causou-nos ótima impressão o jogo de Grinberg, principalmente aqueles saltos espetaculares para cabecear à boca da méta, e as emendadas violentíssimas que, por duas vezes, surpreenderam Carlito, esse baiano que, no passado próximo, tanto brilhou na defesa da cidadela do Socialista, de Maroim.

Meses depois, na capital da Bahia, tornamos a vêr Mára disputando, com Luiz Antônio o título de campeão bahiano de Ping-Pong, tendo, nessa ocasião, saído vencedor. Desde então não mais vimos o Rumaico, até que, numa manhã de Maio, de 1938, já aqui em Aracaju, tornamos a vê-lo ensaiando no “Rollemberg”, pelo Club Esportivo Sergipe, às vésperas de uma temporada que os “rubros” fizeram em Maceió. [...]

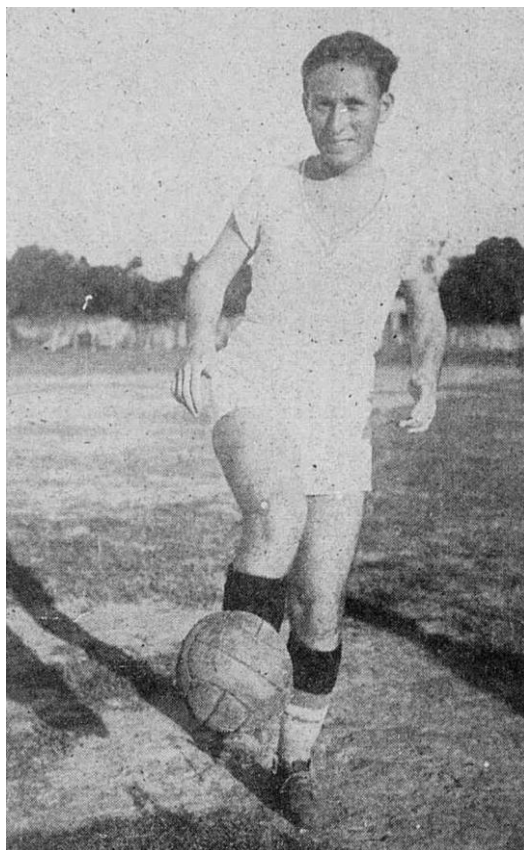
Veio para o Brasil em 1936. Atuou primeiramente em Fortaleza, pelo Ceará Esporte Clube. Teve grandes dias. Depois foi para Recife e lá

¹² “Mára Grinberg, o ‘forasteiro errante’ no futebol nortista”, *Esporte Ilustrado*, 25 de março de 1943, ed. 259, p. 18.

NO JOGO DA TRANSGRESSÃO: DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO, FUTEBOL ALAGOANO E A MEMÓRIA DE RUMAICO-MARA

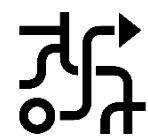
defendeu as cores do Flamengo. Repetiu as grandes "performances". Marcou lindos tentos. Foi aclamado pela multidão. Mas o desejo de Mára foi de viajar sempre. Conhecer novas terras. E ei-lo na Cidade do Salvador, vestindo a camiseta do Esporte Club Bata, jogando ping-pong e recebendo medalhas. Dessa vez, porém, o rumaico não foi tão feliz como das anteriores. Fracassou num jogo e o Bahia dispensou-o. Veio para Sergipe; jogou pelo clube do mesmo nome, foi a Maceió, vestiu a camisa do C.S.A. durante alguns meses; voltou a Sergipe e aqui ficou, diz ele, definitivamente. Está cansado de pular de Estado em Estado. Inscreveu-se novamente pelo Club Esportivo Sergipe. Ensaçou algumas vezes e finalmente integrou o "onze" rubro na partida contra o Ipiranga, de Bahia, ajudando, nesse jogo, o seu clube a sair vencedor¹³.

Imagem 1: Rumaico-Mara Grinberg em 1943.



Fonte: *Esporte Ilustrado*, 25 de março de 1943, p. 18. Acervo: Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

¹³ Ibidem.



NO JOGO DA TRANSGRESSÃO: DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO, FUTEBOL ALAGOANO E A MEMÓRIA DE RUMAICO-MARA

De acordo com a nota veiculada pelos jornais *A Tribuna*¹⁴ e *Correio Paulistano*¹⁵, após virem à tona as informações sobre sua identidade de gênero, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) teria autorizado sua transferência oficial para o “CSA de Maceió”, logo após a dispensa do clube baiano. Porém, segundo narra a revista *Esporte Ilustrado*, Grinberg chegou a jogar em Sergipe e apenas depois mudou-se para Maceió. Seja como for, por alguns meses, o jogador vestiu a camisa do CSA, conforme registra a revista, entrando para a história do futebol alagoano.

Mesmo diante da retaliação da imprensa, é interessante perceber que esse cenário não o impediu de jogar em outros clubes. Inclusive, não por acaso, após jogar no CSA por alguns meses em 1939, Grinberg retornou a Sergipe, onde passou a jogar pelo Club Esportivo Sergipe e buscou um lugar para repousar definitivamente e se desvencilhar de sua imagem de “forasteiro errante”. Lá ele teria encontrado seu lugar definitivo, já cansado de “pular de estado em estado”¹⁶.

Ora, desde sua chegada ao Brasil em 1936¹⁷, Rumaico-Mara já havia passado por diversos clubes ao redor do país. O primeiro clube brasileiro no qual ele jogou foi o Ceará e somente depois, no ano seguinte, em 1937, se mudou para Recife, a fim de jogar no Sport Club Flamengo¹⁸. Por esse motivo, em 3 de abril de 1937, seu nome apareceu nas páginas do *Diário da Manhã* de Pernambuco, entre as inscrições homologadas pela Federação Pernambucana de Desportos (FPD). Em um ato burocrático de formalização da participação de jogadores em clubes federados, ele foi formalmente registrado como jogador do Sport Club Flamengo por três anos, como lê-se abaixo:

GABINETE DA PRESIDENCIA

DESPACHO – O sr. presidente despachou, em data de ontem (sic), o seguinte expediente:

¹⁴ 4ª nota da coluna “Mosaico Esportivo”, *A Tribuna* (SP), 22 de setembro de 1939, ed. 00154, p. 6.

¹⁵ 3ª nota da coluna “De tudo um pouco”, *Correio Paulistano* (SP), 23 de setembro de 1939, ed. 25630, p. 8.

¹⁶ “Mára Grinberg, o ‘forasteiro errante’ no futebol nortista”, *Esporte Ilustrado*, 25 de março de 1943, ed. 259, 1943, p. 18.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Apesar do nome, o clube não deve ser confundido com o Clube de Regatas do Flamengo (CRF) do Rio de Janeiro.

INSCRIÇÕES DE JOGADORES (Football) – Joaquim Francisco de Oliveira, por 2 annos, Manoel José Gonçalves, Mara Grinberg, por 3 annos para o S. C. Flamengo; Denizard Porto, João José da Silva, João Evangelista da Silva, Octacilio Fernandes Motta, Luiz Gonzaga de Lima, José Bernardino da Silva, Bertino Fernandes Silva por 3 annos para o Central S. C [...] ¹⁹.

Quatro dias após divulgarem a homologação da inscrição, seu nome foi mencionado novamente, agora entre os “sócios effectivos do club [Sport Club Flamengo]”²⁰. Essa formalização indica o contexto histórico que o futebol dos anos de 1930 estava inserido. Segundo Plínio Negreiros (2003), foi justamente entre as décadas de 1930 e 1940, durante a Era Vargas, que o futebol brasileiro passou por um período de transição, caracterizado pela consolidação e formalização da profissão do jogador, embora ainda marcado por fortes traços do amadorismo (2003, p. 122). Esse momento representou uma ruptura no campo esportivo, impulsionando o processo de profissionalização dos jogadores de futebol.

Luiz Carlos Ribeiro e Jhonatan Uewerton Souza (2021) também observam que, embora os debates sobre a profissionalização antecedam a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o contexto da década de 1930 foi decisivo para o futebol brasileiro, tendo em vista a popularização do esporte naquela época e sua consolidação como um “esporte de massas”. Nesse cenário, ganha destaque a tentativa, apoiada pelo governo, de fomentar a “construção da ideia de nação a partir do futebol” (NEGREIROS, 2003, p. 127), evidenciando o entrelaçamento entre as instituições públicas e os esportes ao longo da Era Vargas (RIBEIRO; SOUZA, 2021, p. 170).

Por outro lado, ainda que Negreiros (2003) saliente que houve uma tentativa de usar o futebol para uma “construção da ideia de nação”, é fato que, assim como mostra Emanuelle Lins de Andrade, pessoas dissidentes da endocisheteronorma e judeus, assim como os comunistas, “não se enquadravam no tipo de nação que Vargas desejava construir” (2009, p. 7). Assim, mesmo que Rumaico-Mara fosse um jogador de grande prestígio, não foi enquadrado no modelo de “cidadão ideal” da nação varguista dos anos de 1930. Pelo contrário, seu corpo dissidente do CISTema,

¹⁹ “O dia de hontem (sic) na Federação Pernambucana de Desportos”, *Diário da Manhã (PE)*, 3 de abril de 1937, ed. 0403, p. 10.

²⁰ “Sport Clube Flamengo”, *Diário de Pernambuco*, 7 de abril de 1937, ed. 00125, p. 9.

estrangeiro e, sobretudo, judeu era alvo de um projeto de exotização e deslegitimação promovido pelo Estado e pela mídia.

EM CAMPO II - EXOTIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO

Em um primeiro momento, o governo brasileiro permitiu a entrada de imigrantes, incluindo judeus, por acreditar que eles seriam rapidamente “absorvidos pela cultura e costumes do Brasil” e, por fim, abandonariam sua “bagagem cultural” (ARAÚJO, 2015, p. 39). Contudo, não foi isso o que aconteceu. Especialmente após o golpe do Estado Novo, em novembro de 1937, os imigrantes que viviam em solo brasileiro e que não haviam se adequado aos novos “costumes”, ou que se contrapunham às políticas nacionalistas de Vargas, foram rapidamente rotulados de “alienígenas” e, segundo Diego Souza de Araújo, “combatidos em nome da unidade nacional” (2015, p. 54).

Ainda conforme Araújo (2015), durante o governo varguista, especialmente após o início do Estado Novo, a mídia – incluindo a imprensa – tornou-se uma grande produtora de narrativas sensacionalistas, construídas com o intuito de “alarmar a população e criar um inimigo comum: o estrangeiro que ainda resistia à assimilação dos valores da cultura brasileira” (2015, p. 46). Assim, exotizava-se e desumanizava-se principalmente a população judaica como uma “raça vil” – e, por vezes, vinculada ao comunismo – com o objetivo de aumentar a política repressora aos imigrantes e forçá-los a aderir a identidade brasileira.

Diante disso, é importante destacar que, conforme Judith Butler, as chamadas “normas racistas” costumam se articular para manter vigente a distinção entre os corpos que podem ser reconhecidos como humanos e os corpos que não podem (2018, p. 66), enquanto aqueles que “não vivem o seu gênero de modos inteligíveis” acabam por ser inseridos em um cenário de exposição ainda maior a violências (Idem, p. 35), induzidos, por fim, à situação de precariedade. Dessa forma, esse processo de desumanização, deslegitimação e de precarização, no caso de Grinberg, foi evidenciado principalmente pela imprensa da época.

Entre o fim dos anos de 1930 e início de 1940, a espetacularização e exotização do jogador tornaram-se bastante evidentes, tendo os jornais brasileiros um papel fundamental nesse processo. Além de atribuírem a ele o título de “forasteiro errante”, como já mencionado – que, embora se esforçasse para “falar bem o português”, estaria sempre fadado a ser identificado “como estrangeiro” pelo seu sotaque peculiar²¹ –, Grinberg passou a ser conhecido por viver de “maneiras esquisitas”²².

Ao nomeá-lo como um “ex-mulher”, a imprensa reafirmava seu lugar na matriz hierárquica das relações de gênero – endocisheteronormativa – e corroborava com o pacto narcísico da cisgeneridade (PFEIL; PFEIL, 2022; 2024). Pois, a cisgeneridade utiliza o poder institucional com o objetivo de manter corpos trans em posição de incongruência a partir de um “pacto narcísico”, tal qual a branquitude.

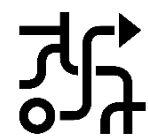
Sendo assim, essa “ofensa da nomeação”, que consiste no ato endocisheteronormativo de nomear o corpo do Outro a partir de “fantasias cisgêneras sobre o que significa ser uma pessoa trans” (PFEIL; PFEIL, 2024, p. 6), somadas a “posturas depreciativas e desdenhosas por parte dessa cisgeneridade” (PFEIL; PFEIL, 2024, p. 6) buscou deslocar Rumaico-Mara para o lugar da abjeção, da estranheza e da ininteligibilidade de gênero. Ora, tais “maneiras esquisitas” de Grinberg viver foram entendidas, em sua época, como uma forma de o jogador bessarabiano ocultar a “verdade” sobre sua “controversa operação”, como diziam os jornais da época²³.

Entre as décadas de 1920 e 1930, um dos temas mais comentados internacionalmente no campo da medicina foi o caso da artista dinamarquesa Lili Elbe, frequentemente mencionada como “uma das primeiras pessoas a se submeter a cirurgias de redesignação sexual” (REYES; CID; SOUZA, 2024, p. 95). Além disso, segundo Paul Preciado, a década seguinte foi marcada pela primeira cirurgia de

²¹ “Mára Grinberg, o ‘forasteiro errante’ no futebol nortista”, *Esporte Ilustrado*, 25 de março de 1943, ed. 259, 1943, p. 18.

²² “Jogador do CSA que já foi mulher”, *Jornal de Alagoas*, 17 de janeiro de 1971, ed. 299, p. 3 (caderno 2).

²³ 4ª nota da coluna “Mosaico Esportivo”, *A Tribuna* (SP), 22 de setembro de 1939, ed. 00154, p. 6; 3ª nota da coluna “De tudo um pouco”, *Correio Paulistano* (SP), 23 de setembro de 1939, ed. 25630, p. 8.



faloplastia em sujeitos transmasculinos no Reino Unido, conduzida pelo médico Harold Gillies no corpo de Michael Dillon (2018, p. 29).

Nesse contexto, ao tratar Rumaico-Mara como “ex-mulher” e falar sobre sua “operação”, a imprensa engajou-se no que Michel Foucault (1983) chamou de busca pelo “verdadeiro sexo”. Segundo Foucault, o sexo aparece no discurso médico-social como algo que carrega as “verdades mais secretas e profundas” de um sujeito. Tal desejo parte da premissa de que há um único e “verdadeiro” sexo para cada ser, que permitiria desvendar as determinações naturais e as “raízes de seu eu” (Idem, p. 2-4). Não nos interessa aqui realizar uma busca pelo “verdadeiro sexo” de Rumaico-Mara, visto que estaríamos perpetuando as violências que a imprensa brasileira já impôs sobre seu corpo.

Quanto à repercussão de sua história na imprensa, é possível observar que seu caso foi utilizado pelos jornais como meio de propagar sensacionalismo e espetacularização sobre corpos gênero-dissidentes e sobre judeus imigrantes. Assim, não é de se admirar que, durante o governo Vargas, o principal patrocinador da imprensa no Brasil foi o próprio Estado, que comprava seu apoio através de auxílio financeiro e fornecimento de recursos.

Por esse motivo, segundo Emanuelle Lins de Andrade, a imprensa foi utilizada, principalmente a partir do Estado Novo, em 1937, como um instrumento capaz de “formar opinião, e doutrinar a população” (2009, p. 3), instruindo o povo a “odiar toda doutrina exótica” e a “repudiar os comunistas, os homossexuais, os judeus, [...] todos aqueles que não se enquadravam no tipo de nação que Vargas desejava construir” (Idem, p. 7).

Por ser um sujeito trans, judeu, imigrante e possivelmente intersexo, o jogador foi encarnado como a antítese do sujeito ideal que era propagado pelo governo e pela imprensa. O destino de Grinberg após o início da década de 1943 permanece envolto em incertezas, junto a tantos outros imigrantes que, segundo Araújo, foram “perseguidos abertamente por serem vistos pela elite como parasitas, seres inassimiláveis que não conseguiam se adequar a cultura brasileira” (2015, p. 76).

Sabemos que em 1944, um ano após a publicação da matéria – já mencionada – da revista *Esporte Ilustrado*, seu irmão, chamado Itzhak, voluntariou-se para integrar o *front* do exército soviético durante a Segunda Guerra Mundial e nunca mais voltou para casa. Seu irmão mais novo, Grigory, e sua mãe, Bertha Grinberg, por outro lado, retornaram a Chisinau naquele mesmo ano (SOLOVIOVA, 2014), após terem passado cerca de três anos distantes, fugidos da cidade juntamente com outros judeus, após forças nazistas alemãs e romenas, em 1941, exterminarem grande parte da população judaica na Bessarábia durante a Operação Barbarossa.

Durante esse período, Grinberg desapareceu das fontes conhecidas até o momento. Sem deixar rastros, o tempo nos legou apenas o silêncio – um silêncio que seria rompido, em parte, somente na década de 1960.

ALÉM DO CAMPO: [ENDOCIS]DESLEGITIMAÇÃO RETROATIVA

Depois da matéria publicada pela revista *Esporte Ilustrado* em 1943, o nome de Rumaico-Mara só voltou a aparecer nas fontes conhecidas dezessete anos mais tarde, em um registro de imigrantes. O documento da Delegacia Especializada de Estrangeiros de São Paulo, presente atualmente no Arquivo Público do Estado de São Paulo, mostra que Grinberg foi registrado – provavelmente recadastrado – como imigrante no Brasil em 17 de junho de 1960²⁴, conforme previa o Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938.

Diante disso, é válido ressaltar que seu “registro de estrangeiro”, realizado no dia 17 de junho de 1960, não indica necessariamente que o bessarabiano tenha saído do Brasil durante os anos de 1940, como alguns poderiam sugerir, e retornado apenas em junho de 1960. O mais provável é que tenha se tratado apenas de uma atualização documental, algo bastante comum naquele período entre os imigrantes que já viviam no país. Segundo o decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938, “qualquer mudança de trabalho, emprego ou domicílio importará novo registro perante a autoridade policial,

²⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (Brasil). *São Paulo, Brazil registros*. Imagens. FamilySearch. Acesso em: 2 de maio de 2025 (Atualmente não está mais disponível de forma online). Imagem 643 de 812. Image Group Number: 100165299.

que dará ciência devida ao Conselho de Imigração e Colonização”²⁵, o que pode explicar, por sua vez, o cadastramento de Grinberg em São Paulo.

Não sabemos se Grinberg ainda estava vivo quando, quatro anos depois de seu cadastramento, no dia primeiro de abril 1964, as músicas militares invadiram as rádios brasileiras e o golpe militar foi, por fim, anunciado, destituindo João Goulart do cargo de Presidente da República e iniciando um dos períodos mais atroz da história do Brasil. Se os olhos de Grinberg testemunharam a censura militar e se seus ouvidos ouviram sobre as várias histórias de torturas infligidas contra sujeitos considerados “subversivos”, ou ainda se seu corpo sofreu das tentativas sistemáticas da ditadura civil-militar em controlar e silenciar os corpos dissidentes da endocisheteronorma, nós não sabemos. Nenhum outro vestígio sobre sua vida após 1960 - aparentemente - sobreviveu ao tempo para nos confirmar isso.

Contudo, uma década após seu cadastramento, já no auge da ditadura civil-militar, seu nome emergiu do silêncio. Como já mencionado no início deste artigo, em 17 de janeiro de 1971, uma nota veiculada pelo *Jornal de Alagoas* trouxe o nome de Grinberg novamente aos holofotes da imprensa.

O corpo e a memória do jogador continuavam sendo perpassados pelos discursos de exotização e sensacionalização. O ressurgimento do “escândalo” de Grinberg nas páginas da imprensa ocorreu no mesmo ano em que haveria de ser realizada a cirurgia da travesti Waldirene Nogueira, conhecida por ter passado pela primeira cirurgia de afirmação de gênero no Brasil (COLLARES; TEMPLES, 2023). Diante disso, retomamos a pergunta presente no início deste artigo: *por que Grinberg, que atuou nos campos de futebol brasileiros entre os anos de 1930 e 1940, voltou a ser assunto das páginas do Jornal de Alagoas em 1971?*

Ora, a retomada do “escândalo” de Rumaico-Mara – três décadas após o ocorrido – não era apenas um gesto de preservação da memória, mas sim um dispositivo de controle social. Ressuscitar a sua história servia a um propósito para a

²⁵ BRASIL. Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. *Diário Oficial da União*, Seção 1, 6 maio 1938, p. 8494. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>.

Alagoas daquele período: reinscrever, no imaginário coletivo, as dissidências de gênero como fraude e erro, principalmente em um momento em que jornais e revistas atestavam que os sujeitos que hoje entendemos como LGBTQIAPN+ haviam se tornado um assunto público de grande relevância (SILVA, 2023).

Não havia coincidências ou homenagens tardias naquela nota, mas a tentativa de tornar Grinberg um corpo exótico pela imprensa, através de uma narrativa marcada pelo que podemos chamar de *endocisdeslegitimação retroativa*. Dessa forma, a história de Rumaico-Mara foi trazida não apenas para desqualificar seu corpo, mas também para regular o presente através do uso do passado, deslegitimando sujeitos dissidentes e endossando limites de gênero. Nomeou-se o jogador novamente como “ex-mulher” com o intuito de manter os corpos trans e intersexo no lugar de “incongruência”, mantendo, assim, a endocisheteronorma e o pacto narcísico da cisgeneridade a partir de uma “estratégia de proteção pelo extermínio do ‘Outro’” (PFEIL; PFEIL, 2024).

Entre as décadas de 1970 e 1980, Maceió foi marcada por um intenso fluxo migratório de sujeitos dissidentes, oriundos sobretudo do interior do estado para a capital (ARAÚJO, 2024). Nesse contexto, a cidade assistiu a uma expressiva ocupação dos espaços públicos – como ruas e praças – por homossexuais, travestis e mulheres associadas à prostituição, fenômeno que ficou conhecido como a “invasão de mariposas e pederastas” (SILVA FILHO, 2024). De maneira similar, bares e cinemas também passaram a ser apropriados por essas populações dissidentes de Maceió, tornando-se espaços importantes para suas sociabilidades e encontros (VERAS, 2021).

Nesse contexto, como aponta Paulo Araújo (2024), a imprensa alagoana desempenhou um papel crucial na tentativa de controlar corpos considerados transgressores, utilizando notícias para atender aos interesses do Estado no combate às populações de gênero e sexualidade dissidentes. Um exemplo dessa atuação foi a publicação, pela *Gazeta de Alagoas*, de uma matéria sobre a travesti Nelsita, uma cozinheira oriunda de Palmeira dos Índios (AL), que havia migrado para Maceió e foi presa em 1969. Conforme problematiza Araújo, a matéria não se limitava a uma

função informativa, mas servia a interesses específicos de controle social: “[...] o detalhamento da origem de Nelsita pode se comunicar indiretamente com outros/as leitores/as, informando que esses indesejáveis não fazem parte da cidade de Maceió pensada pela ditadura civil-militar” (idem, p. 324).

Alguns anos antes, em 1966, o jornal *Gazeta de Alagoas* também havia estampado em suas páginas o caso de outro homem trans, chamado José João da Conceição, que ficou conhecido como o “homem que deu à luz uma criança na caatinga alagoana”. Como mostra Benan Liel de Moraes Silva, José João também sofreu da espetacularização e da exotização por parte dos jornais alagoanos, que também o transformaram naquilo que Silva chama de “figura do aberrativo” (Idem, p. 355), marcado pela desumanização instrumentalizada a partir de chacotas e do exotismo.

Não obstante, José João da Conceição foi colocado, pela imprensa e pela medicina, no “lugar do a-normal, daquilo que é exótico, abjeto” (2024, p. 338) e, de modo semelhante a Grinberg, também foi trazido de volta aos holofotes da imprensa alagoana na década de 1970, mais especificamente no ano de 1979. Sendo assim, como aponta Silva, os jornais “tiveram muitas certezas a oferecer sobre o ‘verdadeiro’ sexo de João [...] para aqueles que teriam sido ‘enganados’ pela ‘farsa’ de João” (Idem, p. 353-354).

Neste ponto da história, sabemos muito mais sobre o que foi dito a respeito de Rumaico-Mara Grinberg do que, de fato, quem ele foi. Os silêncios que se impuseram sobre sua vida ao longo do tempo não decorreram apenas do esquecimento popular, mas também integraram um processo maior de deslegitimação e invisibilização. Ao tentar silenciar Grinberg, instaurou-se uma dupla via de repressão: calava-se a sua existência para que se ouvisse, de forma ainda mais audível, os ecos das normas e punições impostas aos corpos dissidentes.

PARTIDA FINAL OU PRORROGAÇÃO

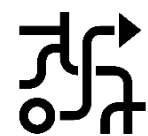
Nos últimos anos, a historiografia alagoana vem passando por um processo de rompimento com os silêncios que foram, durante muito tempo, impostos sobre os sujeitos dissidentes de sexo e gênero do passado, retirando-os da invisibilidade e da posição de sujeitos a-históricos e colocando-os à posição de agentes da história. Desse modo, não é por acaso que somente agora Grinberg pôde ter sua memória (re) construída em uma narrativa historiográfica pela primeira vez – ainda que marcada por inúmeras lacunas.

No ano de 2024, o nome de Grinberg chegou a ser mencionado brevemente em algumas matérias digitais, após o Ceará Sporting Club entrar para a história do futebol brasileiro como o clube com o maior número de estrangeiros durante sua trajetória²⁶. Nessa ocasião, Rumaico-Mara foi referido como sendo um dos jogadores estrangeiros que passaram pelo Ceará. Todavia, para além disso, nada foi dito sobre sua situação como judeu perseguido e/ou como sujeito dissidente das normas de gênero.

Diante disso, é preciso lembrar que o apagamento de Rumaico-Mara Grinberg na história do futebol brasileiro – e, especialmente, do futebol nordestino – não decorre apenas de um sintoma de esquecimento popular, foi parte de um processo maior de exotização, deslegitimação e invisibilização instaurado contra seu corpo e contra sua memória e que se perpetuou até os dias atuais. Dessa forma, falar sobre Grinberg é costurar retalhos, ler os silêncios e escrever sobre as lacunas, (re)construindo um passado que foi dura e sistematicamente fragmentado, assim como o de tantos outros sujeitos vistos como “indesejáveis” aos olhos da endocisheteronorma e das normas étnico-raciais.

Sabendo disso, é possível afirmar que a história de Grinberg é um exemplo de como diferentes estruturas opressivas se entrecruzam a fim de precarizar certos

²⁶ MARQUES, Vladimir. *Em 2024, Ceará terá recorde de estrangeiros no elenco; veja todos desde 1929*. ge.globo.com, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/2024/01/10/em-2024-ceara-tera-recorde-de-estrangeiros-no-elenco-veja-todos-desde-1929.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2025. / SILVA, Lucas. *Ceará alcança marca de 12 estrangeiros contratados no século; veja nomes*. O POVO, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/esportes/futebol/times/ceara/2024/01/10/ceara-alcanca-marca-de-12-estrangeiros-contratados-no-seculo-veja-nomes.html>. Acesso em: 29 abr. 2025.



corpos e torná-los “não-humanos” (BUTLER, 2018). Sua trajetória, da Bessarábia ao Brasil, evidencia a necessidade de uma historiografia que considera os “múltiplos terrenos identitários” a partir da interseccionalidade (CRENSHAW, 2020, p. 27), visto que as violências que se instauraram contra seu corpo entrecruzavam o gênero e a raça.

Percorrer parte da sua trajetória na contemporaneidade não significa apenas retomar uma personagem do passado, mas reconhecer que suas vivências, marcadas por silêncios e apagamentos, são reverberadas nas disputas de memória e (re)existência que marcam o presente. Em um contexto no qual atletas trans vêm reivindicando visibilidade e legitimidade no futebol alagoano, como tem se evidenciado no projeto de campanha *Uma Partida de Transformação*, torna-se imprescindível compreender que as dissidências de gênero no esporte não são fenômenos recentes. Assim, Grinberg aparece como uma existência que desafia os limites da norma e que evidencia o que foi silenciado e o que ainda está em disputa dentro do futebol alagoano.

Se outras pessoas disseram, outrora, que “quase ninguém conhece a história de um desses ciganos da bola que percorreu milhares de quilômetros até se estabelecer no Nordeste do Brasil” (TENÓRIO, 2018), referindo-se a esse jogador bessarabiano, hoje é possível afirmar que o silêncio histórico que tanto enlaçou os lábios de Clio, ocultando o nome de Grinberg, começou a ser, enfim, rompido.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Juno Nedel Mendes de. *Habitando as margens: a patologização das identidades trans e seus efeitos no Brasil a partir do caso Mário da Silva (1949-1959)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020

ANDRADE, Emanuelle Lins de. *Jornalismo dos anos de 1930: informação e doutrinação*. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009, p. 1-8.

ARAUJO, Diego Souza de. *A influência das medidas restritivas da Era Vargas (1930–1945) nas relações com a URSS e a Polônia*. 2015. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2015.

ARAÚJO, Paulo Henrique dos Santos. Na mira do Estado: a “Operação Pederasta” e o higienismo moral-sexual e de classe na ditadura civil-militar em Maceió, AL (1960-1970). In: SODÓ, Roberta; VERAS, Elias Ferreira (orgs.). *(In)Desejáveis: LGBTQIA+ e feminismo na imprensa de Alagoas (século XX)*. Maceió: Edufal, 2024. p. 309-335.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (Brasil). *São Paulo, Brazil registros*. Imagens. FamilySearch. Acesso em: 2 de maio de 2025 (Atualmente indisponível em forma online). Imagem 643 de 812. Image Group Number: 100165299.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CALADO, Cecília. “Campanha ‘Uma partida de transformação’ reforça visibilidade trans no esporte”, *Notícias – Universidade Federal de Alagoas*, 18 de março de 2025. Disponível em: <https://noticias.ufal.br/ufal/noticias/2025/3/campanha-uma-partida-de-transformacao-reforca-visibilidade-trans-no-esporte>

CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas identitárias e violência contra mulheres de cor. In: MARTINS, Ana Claudia Aymoré;

VERAS, Elias Ferreira (Org.). *Corpos em aliança: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade*. — 1ª ed. — Curitiba: Appris, 2020.

ESPORTE ILUSTRADO. *Mára Grinberg, o ‘forasteiro errante’ no futebol nortista*. Rio de Janeiro: n. 26, p. 18, 25 mar. 1943. Acervo: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/182664/per182664_1943_00259.pdf. Acesso em: 02 de março de 2025.

FAJE, Florin. *Playing for and against the nation: football in interwar Romania*. Nationalities Papers, v. 43, n. 1, p. 160–177, 2015.

FALCÃO, Duda. “Romaico”. *Bahêa na História*, 2013. Disponível em: <https://obaheanahistoria.blogspot.com/2013/07/nevercino.html>. Acesso em: 14 de março de 2025.

FOUCAULT, Michel. "O verdadeiro sexo". In: BARBIN, Herculine. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Tradução de Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 1-9.

FUX, Samuel; FUX, Jacques. *Meu Pai: E o fim dos judeus da Bessarábia*. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2023.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MORANDO, Luiz. 'Miloca que virou David': intersexualidade em Belo Horizonte (1917-1939). *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, v. 6, p. 147-169, 2012.

_____. Ser homem trans no Brasil no começo do século XX; o caso Dorival Reples. In: Marco Aurélio Máximo Prado; Rafaela Vasconcelos Freitas. (Org.). *Travestilidades em diálogo na pista acadêmica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, v. 1, p. 401-414.

_____. Olhares ex-cêntricos: imprensa brasileira e transgeneridade (1930-1939). In: Paulo souto Maior; Fábio Ronaldo da Silva. (Org.). *Páginas de transgressão: a imprensa gay no Brasil*. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021, v. 1, p. 275-298.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. Editora UFPR.

PFEIL, Bruno Latini; PFEIL, Cello Latini. A ofensa da nomeação. In: Miranda, Eduardo O; SANTOS, Marta Alencar dos; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. *Enviadescer a Decolonialidade*. 1ed. Salvador: Devires, 2022. p. 171-187

PFEIL, Cello Latini; PFEIL, Bruno Latini. O pacto cisgênero da recusa: da negação de si à nomeação do outro. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 13. Anais eletrônicos*. Florianópolis, 2024. p. 1-10.

PORTER, Roy. "História do corpo". In: BURKE, Peter (org). *A escrita da História: novas perspectivas*. SP: Ed. UNESP, 1992.

PRECIADO, P. B. *Testo Junkie – Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. N-1 Edições, 2018.

REYES, Héctor Luis Baz; CID, Augusto Claudio Andrés Obando; SOUZA, Regina Maria de. A garota dinamarquesa: como ler um corpo no transfeminismo. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 57, p. 94–103, 2024.

RIBEIRO, Luiz Carlos; SOUZA, Jhonatan Uewerton. O futebol na proposta autoritária e corporativista da Era Vargas (1930-1945). *Topoi (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, p. 160–181, jan./abr. 2021.

RODRIGUEZ, Ale Mujica; MEDEIROS, Raiz Policarpo. *Justiça reprodutiva para todes: saúde, gestação e parentalidade dissidentes*. S.L: Morgani Guzzo, 2024. Disponível em: <https://catarinas.info/wp-content/uploads/2016/07/Cartilha-Justica-Reprodutiva-paraTodes.pdf>. Acesso em 04 mar. 2026

SILVA, Benan Liel de Moraes. Discurso médico-midiático sobre o corpo, o gênero e performance de José João da Conceição (1966 a 1979). In: SODÓ, Roberta; VERAS, Elias Ferreira (orgs.). *(In)Desejáveis: LGBTQIA+ e feminismo na imprensa de Alagoas (século XX)*. Maceió: Edufal, 2024. p. 337-361.

SILVA FILHO, Isaac Freitas da. “Invasão de mariposas e pederastas”: sociabilidades dissidentes e subversivas em Maceió (AL) (1970). In: SODÓ, Roberta; VERAS, Elias Ferreira (orgs.). *(In)Desejáveis: LGBTQIA+ e feminismo na imprensa de Alagoas (século XX)*. Maceió: Edufal, 2024. p. 385-417.

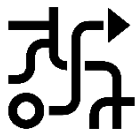
SILVA, Natanael de Freitas. A visibilidade dos homossexuais no Brasil da abertura: contraconduta. In: VERAS, Elias; PEDRO, Joana Maria; SCHMIDT, Benito (orgs.). *(Re)Existências LGBTQIA+ e feminismo na ditadura civil-militar e na redemocratização do Brasil*. Maceió: Edufal, 2023. p. 339-368.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2015. 244p

SOLOVIOVA, Tatiana. “«Настоящий полковник» Гринберг. *Dorledor.info*, 2014. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150923221410/http://www.dorledor.info/node/17492>. Acesso em: 18 de maio de 2025.

TEDESCO, Caio de Souza. *Não se nasce homem, torna-se: a emergência das transmasculinidades e o espaço biográfico de João Walter Nery (1950-1988)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022

TEDESCO, Caio de Souza. História e transmasculinidades: desafios e possibilidades para uma operação historiográfica que transgrida a cisnormatividade. In: PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento; ALVES, Jorge Luiz da Silva (orgs.). *Anômalos: diálogos interseccionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024. p. 99-126.



TENÓRIO, Davi. "Mara Grinberg: Um romeno com as cores do Club Sportivo Sergipe". *Almanaque do Gipão*, 2018. Disponível em: <https://almanaquedogipao.blogspot.com/2018/06/maragrinberg-um-romeno-com-as-cores-do.html#more>. Acesso em: 14 de março de 2025

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90-109, set./dez. 2014

VERAS, Elias Ferreira. "Gay é liberdade": homossexualidades em Maceió (AL) na abertura. In: RODRIGUES, Rita Colaço; VERAS, Elias; SCHMIDT, Benito (orgs.). *Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+*. São Paulo: Letra e Voz, 2021. p. 171-184

VIEIRA, Amiel. Intersexo e intersexofobia: Até quando ser eu será um problema?. In: *Revista Fórum*. 16 jul. 2021
1998.

Recebido em 26/03/2026

Aprovado em 24/04/2026